

ESTUDANTES PROTAGONISTAS: ENTRE AS PEDAGOGIAS ESCOLARES E GRIÔS*

PROTAGONIST STUDENTS: AMONG SCHOOL PEDAGOGIES AND GRIOTS

Katiane da Silva Santos 1
Kênia Gonçalves Costa 2

Resumo: Este trabalho discute a relação dos jovens quilombolas da Comunidade Dona Juscelina em Muricilândia (TO), que são estudantes da Educação Básica da rede estadual de ensino, observando-se os aprendizados que recebem dos anciãos da comunidade através de seus modos de transmissão de saberes e fazeres em um processo de construção de conhecimentos com importantes semelhanças com o currículo escolar. Objetivou-se compreender o protagonismo dos jovens negros que historicamente sempre estiveram às margens do processo civilizatório brasileiro e como receptores de conhecimentos institucionalizados, passam a produzir seus próprios conhecimentos. O trabalho trouxe contribuições para as discussões que englobam a educação para as relações étnicorraciais, em um contexto de ecologia de saberes e no fortalecimento da “educação outra” que além de buscar os conhecimentos especializados, também valoriza os conhecimentos que os estudantes levam pra escola. A pesquisa possui caráter qualitativo, com uso de fontes primárias e secundárias, os dados foram tratados por meio da mobilização do método da etnografia. Compreendemos que neste processo o destaque do protagonismo dos estudantes quilombolas, receptores de conhecimentos institucionalizados, estão ativos em busca de outros conhecimentos extra-classe que reforçam o currículo especializado e assim fortalecem a relação escola-território.

Palavras-chave: Quilombo. Saberes. Escola. Currículo.

Abstract: This paper discusses the relationship of quilombola youths from Dona Juscelina’s community in Muricilândia (TO), who are Basic Education’s students in the state school system, observing the learnings they receive from community elders through their ways of transmitting knowledge and actions in a process of knowledge construction with important similarities with the school curriculum. The objective was to understand the black youth’s role who historically have always been on the margins of the Brazilian civilizing process and as recipients of institutionalized knowledge, start to produce their own knowledge. The work brought contributions to the discussions that encompass the education for ethnic-racial relations, in a context of ecology of knowledge and in the strengthening of “other education” that in addition to seeking specialized knowledge, also values the knowledge that students take to school. The research has a qualitative character, using primary and secondary sources, the data were treated using the mobilizationethnography’s method. We understand that in this process the highlight of the quilombola students’ protagonism, recipients of institutionalized knowledge, are active in search of other extra-class knowledge that reinforce the specialized curriculum and thus strengthen the school-territory relationship.

Keywords: Quilombo. Knowledge. School. Curriculum.

Mestra em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9711382425475352>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0689-2375>. E-mail: geo.katiane@uft.edu.br 1

Doutora em Geografia, Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território, Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3395795403404222>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5042-3472>. E-mail: keniacost@uft.edu.br 2

*O presente trabalho compõe a dissertação de mestrado intitulada como “Do Passado ao Presente: A Festa 13 de Maio da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia-TO” vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins, a qual foi submetida ao Conselho de Ética da UFT e autorizada pelo Parecer nº 2.894.630.

Introdução

O Brasil é reconhecido por sua diversidade cultural, porém, ainda muito desigual, entre os grupos minoritários, estão os quilombolas. A educação formal é um dos caminhos para a inclusão social dos excluídos, a partir da geração da cidadanização dos estudantes. Entretanto, a educação não formal também pode ser a extensão do currículo formal e também contribuir neste processo.

A inserção nos currículos escolares de conteúdos sobre a história e culturas afro-brasileiras nos termos da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), alterada pela Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008), contribui para que os afrodescendentes se aproximem de suas raízes africanas, se emancipem culturalmente e tornem-se protagonistas de suas próprias histórias, além de ser um combate contra o racismo.

Em Muricilândia (TO) os estudantes quilombolas, membros da Comunidade Dona Juscelina, entendem bem a importância do estudo de sua História, percebemos nas observações dos modos de transmissão de saberes e fazeres um processo de construção de conhecimentos com importantes semelhanças com o currículo escolar e uma forte relação escola-território, ou seja, aprendizados dentro e fora das instituições de ensino em que os jovens fazem parte.

Objetivou-se compreender o protagonismo dos jovens negros, que historicamente sempre estiveram às margens do processo civilizatório brasileiro e como receptores de conhecimentos institucionalizados, passam a produzir seus próprios conhecimentos que são extensões do currículo escolar.

Para tal, mobilizamos o método da Etnografia (GEERTZ, 1989), para conseguir apreender melhor a dinâmica desse povo e de sua cultura. Nas relações entre sujeitos escutados e a pesquisadora, surgiu convivências que ultrapassaram os limites da observação e nos trouxeram experiências de vida. Passando a ter um contato próximo com a comunidade. A imersão na cultura do outro, nos possibilitou entender suas tessituras, e viver suas experiências, que nos impregnou de sua cultura e por isso este método foi mobilizado.

Seguindo os direcionamentos de Clifford Geertz, um trabalho etnográfico busca realizar um relato qualitativo no intuito de interpretar os significados do fenômeno social estudado. Conforme o autor, a cultura não pode ser vista como um poder ou como algo impositivo, “[...] ela é um contexto, algo dentro do qual eles [elementos culturais] podem ser descritos de forma inteligível [...]” (1989, p. 10). Por isso, o autor defende um conceito de cultura essencialmente semiótico em busca de significados através da descrição densa.

Cultura e Educação

Os sistemas culturais ou a cultura de um dado grupo e o que os diferencia de outros grupos, é a identidade cultural que carrega que em nosso estudo trata-se de uma identidade etnicorracial.

Sob o ponto de vista de Mércio Gomes (2016) sobre cultura, aponta as principais categorias que a definem e que identificam os pontos que são reconhecidos pela antropologia como: (i) as diversas manifestações e produções artísticas; (ii) hábitos e costumes que representam e identificam um modo de ser de um povo; (iii) sistemas de coisas inconscientes que determinam o modo como as pessoas se comportam. Neste sentido, o autor, que é antropólogo, conceitua o termo cultura como:

Cultura é o modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, constituindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se. (GOMES, 2016, p. 36).

Concordamos com a ampla definição estabelecida por Gomes (2016), visto que os diversos sistemas culturais se compõem em níveis complexos. Assim, entendemos que quando um sujeito pertence a uma cultura, suas atitudes convergem para este dado sistema cultural e nele

esse sujeito se reproduz biologicamente e culturalmente.

Gomes (2016) levanta a necessidade de entendermos os aspectos culturais antropológicos: (i) a autonomia cultural; (ii) o compartilhamento (in)consciente de uma linguagem específica de uma comunidade; (iii) a presença de aspectos sagrados e profanos e a (iv) capacidade de transmissão de sua própria cultura.

Desde o primeiro entendimento sobre o termo cultura, que vem do ato de cultivar algo, entendemos também como um processo educacional que se relaciona com os itens (ii) e (iv) expressos por Gomes (2016) e que estão indissociavelmente atrelados à prática de transmissão de saberes e fazeres nas comunidades tradicionais.

Luiz Santos nos traz a orientação de que para entender dada cultura é preciso saber como os seus sujeitos se desenvolveram. Nesta direção, ao discorrer sobre os sentidos culturais o autor entende que, “[...] cultura está muito associada a estudo, educação, formação escolar [...]” (2005, p. 22).

Neste sentido, Santos levanta três pontos: “[...] o conhecimento, as ideias e crenças de um povo” (Op. cit., p. 23), estes são elementos que precisam ser transmitidos às futuras gerações para que o sistema cultural de determinado grupo social permaneça.

Assim, a jovem comunidade quilombola, certificada em 2010 pela Fundação Cultural Palmares por meio da Portaria nº 51 (FCP, 2010, S/P), encontra-se em construção identitária, haja vista que é um quilombo que passou por um processo migratório e por uma transição entre o rural e o urbano, possibilitando ainda mais o acesso às tecnologias e aproximações entre elementos tradicionais e modernos.

Trazemos para esta análise a ecologia de saberes pelo qual estudantes quilombolas da rede pública de ensino do Estado do Tocantins passam, além das aprendizagens escolares, os jovens aprendem conhecimentos ancestrais com os anciãos quilombolas que chamam de *griôs*.

O termo *griô* possui algumas (in)definições, “[...] Palavra portuguesa, francesa, africana, abasileirada [...] A colonização de diversos países do noroeste da África foi primeiramente portuguesa e depois francesa [...] (DUTRA, 2015, p. 20), daí a afirmação que o termo é a tradução francesa das palavras *dieli* ou *jieli* na sua origem africana que significa “sangue que circula”.

Os *jielis* eram comunicadores do rei, pessoas que caminhavam nas aldeias, emitindo mensagens cantando e tocando instrumentos de percussão, fazendo circular a vida pelas comunidades. A palavra *griô* é também derivada de *creole*, ou *criolo*, umadas línguas dos negros na diáspora africana. Os primeiros *griôs* que se tem conhecimento foram os contadores de história, músicos e brincantes dos grupos étnicos africanos Bambaras e Fulas na região do Mali (DUTRA, 2015, p. 20-21, grifos do autor).

A tradição do ensino por meio das oralidades trazida pelos africanos se torna instrumento de resistências para a manutenção da cultura ancestral.

Os estudantes quilombolas, aprendizes dos mestres e mestras *griôs*, são sujeitos que protagonizam suas próprias histórias e produzem conhecimentos que atendem as particularidades culturais da qual fazem parte, rompendo com a cultura homogeneizante da escolarização formal, os aprendizados gerados no quilombo fazem parte do processo educacional de que necessitam para suas formações intelectuais como expõe Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações [...]. (BRANDÃO, 2007, p. 7).

A sala de aula está em qualquer espaço, pois, ninguém escapa da Educação como bem afirmou Brandão (2007), então, são as práticas pedagógicas emancipatórias que promovem a valorização da diversidade cultural, podendo ocorrer dentro do espaço escolar ou fora dele, neste segundo podemos dizer que é o território do entorno escolar.

Preocupados com a própria autonomia, em 2017 os estudantes quilombolas organizaram-se e fundaram o “Coletivo de Jovens Quilombolas (CJQ)”, na intenção de mobilizarem-se em torno das questões do grupo étnico a que pertencem, buscar o fortalecimento de suas próprias raízes, realizar grupos de estudos com enfoque principalmente sobre a História da África, diáspora dos africanos e da própria história da Comunidade quilombola que pertencem na intenção de fortalecer a identidade étnica dos jovens.

O CJQ está diretamente ligado às intervenções dos anciãos da comunidade, os *griôs*, que são responsáveis pela manutenção da memória coletiva do grupo social.

[...] eles começam a fazer os encontros e aí começa a fazer essa transmissão, começa a dialogar [...] a ideia é essa, é repassar a história pra que eles absorvam e dê continuidade né [...]. (Entrevista: Manoel Filho Borges, 2018).

Sobre o CJQ, os estudantes da educação básica da rede pública estadual de ensino em Muricilândia (TO) discutiram sobre a identidade que leva tempo para ser construída e fortalecida, a estudante de ensino médio Ludimila Carvalho dos Santos reforçou que os jovens estão muito dispersos e que isso é uma deficiência, lembrou que na falta dos *griôs* será importante a comunidade ter outros representantes que conheçam a história e cultura do grupo social. E assim, vai surgindo na comunidade um protagonismo jovem, a exemplo disso o estudante quilombola Sallomão Israel já mobiliza-se e elabora planos.

[...] eu como músico pretendo já esse ano ainda montar uma oficina de percussão permanente na comunidade quilombola [...] é muito bacana, é rico até, mas só que a percussão de escola é uma percussão fanfarra, ela não lembra muito aquela questão do batuque africano [...] você ver aquela batucada mais militar e a minha ideia é essa é levar o tambor mesmo de madeira, feito com couro pra você passar aquela batucada para os jovens [...]. (Entrevista: Sallomão Israel Chaves Borges, 2018).

A principal resultante da fundação do CJQ foi fortalecer o encontro entre os jovens e os anciãos da comunidade, e que são momentos para transmissão de saberes e fazeres tendo como principal instrumento de ensino as oralidades. Esses momentos de aprendizagens acontecem no território do entorno escolar, fortalecendo a relação escola-território.

Sobre a importância do ensino oral, vejamos Edward Thompson (1998) que analisa em sua obra as transformações culturais ocorridas na sociedade inglesa até se tornar moderna, para tal faz referência à importância das oralidades e suas transmissões para que se mantêm as tradições.

[...] O povo estava sujeito a pressões para ‘reformatar’ sua cultura segundo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava a transmissão oral, e o esclarecimento escorria dos estratos superiores aos inferiores [...]. (THOMPSON, 1998, p. 13, grifo do autor).

Thompson (1998) levanta uma importante questão, de que através da escolarização há a influência dos conhecimentos hegemônicos que sobrepõem-se sobre os contra-hegemônicos que ocorre através das transferências oral de saberes nas comunidades tradicionais.

Entretanto, destacamos que o Plano Nacional de Educação (PNE) que é a Lei nº 13.005 (BRASIL, 2014), garante a promoção da equidade educacional em meio às diversidades culturais, econômicas e sociais, dentre outras. Nas Metas 2 e 3, apontam que deve-se respeitar as particularidades e cultura dos estudantes e as peculiaridades dos quilombolas. A Meta 7, garante a inserção nos currículos escolares conteúdos sobre a história e culturas afro-brasileiras nos termos da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003).

Nestes termos, defendemos que as atividades de aprendizagens informais dos estudantes ocorridas na Comunidade Quilombola que pertencem, é uma extensão do currículo escolar e cumpre com as diretrizes do PNE e da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), alterada pela Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) em busca da educação para as relações étnicorraciais.

Sobre currículo escolar, Young (2014) afirma ser este o conceito mais importante dos estudos educacionais, pois, a partir dele é possível ofertar um conhecimento especializado. O autor aponta que todo currículo precisa apresentar a especialização de conhecimentos de duas formas: (i) em relação às fontes disciplinares; produzidos por especialistas das diferentes áreas (ciências humanas, exatas, biológicas e linguagens) e (ii) em relação aos diferentes grupos de aprendizes; neste caso o teórico conclui que todo currículo tem que ser elaborado pensando nas particularidades dos aprendizes levando em consideração seus conhecimentos anteriores.

Em relação ao item (ii) que diz respeito ao que o teórico Young (2014, p. 199) chama de “recontextualização”. “[...] O termo refere-se ao modo como os elementos do conhecimento disciplinar são incorporados ao currículo para aprendizes de diferentes idades e conhecimentos anteriores”.

Nesta direção, defendemos nesta pesquisa que os conhecimentos dos estudantes quilombolas englobam o currículo especializado conforme as exigências do PNE e Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008).

Na atualidade diversos pesquisadores tem estudado o que chama de “educação outra” que se contrapõe às lógicas educativas hegemônicas, onde a escola serve para a busca de conhecimentos, mas também buscar valorizar os conhecimentos que os estudantes levam pra escola. Walsh; et. Al. (2018) levanta o debate expondo:

O campo da educação no Brasil vem, nos últimos anos, sendo chamado a rediscutir uma série de questões temáticas clássicas como currículo, didática, formação docente, cultura escolar etc, em função de novas demandas implicadas com o desafio de superar desigualdades e discriminações raciais, de gênero, sexualidade, religiosas, entre outras, assim como reconhecer e valorizar as diferenças, assumindo as tensões entre igualdade e diferença, políticas de redistribuição e de reconhecimento [...]. (WALSH; et. Al. 2018, p. 06).

Deste modo, é preciso pensar e formular perspectivas educacionais a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, dentre eles estão os afrodescendentes quilombolas.

A Comunidade Remanescente Quilombola (CRQ) Dona Juscelina está segregada em um contexto urbano, mas que reivindica seus direitos territoriais, de forma, que as crianças quilombolas são fortemente influenciadas pela cultura homogeneizante e moderna, o grupo étnico tem o desafio de preservar os saberes e fazeres tradicionais ensinados oralmente pelos *grîôs* da comunidade. Há de se pensar em uma ecologia dos saberes que possam alinhar estes dois vieses de conhecimentos, ambos necessários para os estudantes.

Esse processo de construção identitária, necessita da busca pela manutenção das memórias coletivas, e os *grîôs* são os responsáveis para solidificarem esse processo. Candau afirma que a memória “[...] vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”

(2016, p. 16). Sobre essa questão, o autor ainda reforça.

[...] a memória é necessariamente anterior em relação à identidade – essa última não é mais do que uma representação ou um estado adquirido, enquanto que a memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana –, torna-se difícil consentir sobre a preeminência de uma sobre a outra quando se considera o homem em sociedade. De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. **Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente [...].** (CANDAU, 2016, p. 19, grifo nosso).

O encontro entre o CJQ que são estudantes secundaristas e de ensino superior com os *griôs*, nos remete a ideia de ecologia dos saberes, onde Santos (2010) sustenta que é a epistemologia que luta contra as injustiças cognitivas, haja vista, que os ancestrais da comunidade quilombola, os africanos e afro-brasileiros sofreram o epistemicídio.

A ecologia de saberes tem de ser produzida ecologicamente: com a participação de diferentes saberes e sujeitos. Há práticas de saber dominantes, assentes na ciência moderna ocidental, e práticas de saber subalternas, assentes em saberes não científicos, ocidentais e não ocidentais, e que esta hierarquia produz e reproduz a desigualdade social no mundo. As práticas de saber dominante são as que assentam na ciência moderna. Como esta não está distribuída equitativamente no mundo, nem como sistema de produção nem como sistema de consumo, as desigualdades no acesso, controle e uso da ciência são o resultado de desigualdades sociais e reforçaram-nas. A ecologia de saberes parte da ideia que a eliminação destas desigualdades não é possível através da democratização do acesso à produção e consumo da ciência moderna. Embora esta deva ser prosseguida, não bastaria por si própria devido aos limites intrínsecos da intervenção científica no real. O uso contra-hegemónico [sic] da ciência assenta no reconhecimento desses limites e, por isso, na necessidade de, para os superar, recorrer a outros conhecimentos. (SANTOS, 2010, p. 158, grifo do autor).

Neste sentido, a valorização de práticas de outros saberes que não são o dominante da ciência moderna, é necessária para que se consiga vencer as desigualdades sociais. Podemos observar essa ecologia dos saberes presente na CRQ Dona Juscelina, pois os jovens associam os aprendizados dos saberes ancestrais com o saberes científicos que aprendem no processo de escolarização.

O Ensino por meio de Oralidades

Os contadores de histórias, que narram de forma falada ou cantada as tradições e os acontecimentos de um povo, são anciãos, que em algumas partes da África são chamados de *griôs*. Lima; Hernandez exemplifica essa arte.

Foi o pai de meu pai quem me ensinou não ser suficiente apenas aprender as histórias para depois contá-las. Que não

bastava apenas reviver cada guerreiro, cada atmosfera para demonstrar a astúcia, a coragem, a honra e o poder dos soberanos ou como batia o coração do povo. Era preciso fazer com que permanecessem vivas na memória das novas gerações. (LIMA; HERNANDEZ, 2010, p. 10).

Dona Juscelina é líder e matriarca da comunidade quilombola que recebeu seu nome, seu grande mentor foi seu tio Claro Preto do Saco, foi ele quem repassou pra ela e para outras crianças e jovens a memória do cárcere que a matriarca carrega e atualmente também repassa aos mais jovens, que são os estudantes que tratamos neste estudo, assim entendemos que os anciãos carregam naturalmente o ofício de ser *griôs*.

[...] era bater os coitado negro né, esfarrapado, esfarrapado quer dizer que era rasgado, que era sujo, as mãe trabalhando lá, cozinhando pra meus senhores o que era os rico e aquilo ali eles, ainda que eles ganhava era só o restinho dos di comer pra comer, só os resto e tinha vez que nem isso, chegava de noite, a mãe chegava ia fazer aquele labuzim pra eles comer, a vida do cativo foi tirano, meu tio contava pra mim e pra nós tudo assentado na esteira, fazia esteira do oi do babaçu né, meu tio era mestre pra fazer cofo, abano, esteira, tudo ele fazia né [...]. (Entrevista: Dona Juscelina, 2018).

O líder quilombola Manuel Filho que é professor de História em uma Escola da rede Estadual em Muricilândia (TO), imbuído da cultura afro relata que também recebeu ensino de seu avô e de seu pai ambos *griôs*.

[...] meu vô não tinha instrução, mas era um auto-didata, ele inventava mil e uma coisa, Dona Juscelina conheceu ele, via e sabia as habilidades que ele tinha e isso foi transmitido para o meu pai né, então assim, eu vi, eu cresci vendo meu pai envolvido com eventos culturais, religioso e cultural e com habilidade muito grande pra aquilo, então acabou que eu fui trilhando também por aí, pegando gosto e eu desde pequeno, toda a vida eu tinha uma coisa que era um pouco de diferente dos outros, das outras crianças, eu gostava muito de conversar com adultos, entendeu, mesmo quando eu já tava tomando entendimento eu brincava tudo, tinha meu grupo de amigos, mas eu dialogava mais com adultos de que com criança, os iguais, não sei o que me motiva aquilo, mas eu gostava [...]. (Entrevista: Manoel Filho Borges, 2018).

Parafraseando a obra de Lima; Hernandez (2010) que nos explica o ofício dos *griôs*, entendemos que são eles mestres em despertar ouvintes, seus gestos, seus jeitos, seus corpos prendem nosso olhar. Contando, cantando, tocando e emocionando, assim fazem esses anciãos e anciãs, mantém viva a história na memória da nova geração. A sapiência vem não de quem ouviu, mas de quem viveu, trazendo o passado para o presente, como o sangue corre dentro de nós e nos dá vida, os/as *griôs* narram suas histórias e fazem circular a memória que mantém vivos os povos tradicionais quilombolas, iniciam seus sucessores no dia-a-dia e a toda hora, pela a arte da transmissão de conhecimentos.

O rigor dos mestres e mestras *griôs* garantirá a tradição. Assim, o estudante Sallomão Israel relata sua experiência de aprendizagens com os velhos ensinadores.

[...] é a passagem do conhecimento que nossos griôs tem para com os jovens da comunidade [...] daí você aprendeu fazer artesanato com palha de babaçu, a tirar o azeite do coco-de-babaçu, fazer farinha de mandioca sabe [...] por mais que o jovem não vai exercer aquilo, não vai fazer a farinha pra comer porque ele pode ir lá comprar, mas você tem aquele conhecimento sabe, você tem aquele conhecimento que você vai passar pra seus filhos [...] se o quilombo tivesse seu terreno [...] você botar em prática todo o conhecimento que aprendeu com os griôs de certa forma seria bom até financeiramente pra comunidade sabe, porque ali você iria plantar, você ia tá exercendo aquilo que foi passado pelos griôs e não ia cair no esquecimento porque você ia tá na prática [...] como eu sou quilombola [...] a minha visão desde o princípio, desde antes de eu entrar na faculdade é, eu vou entrar na faculdade, eu vou extrair o máximo que eu puder lá e vou levar aquilo de volta pra comunidade [...]. (Entrevista: Sallomão Israel Chaves Borges, 2018).

As transmissões de memórias através das oralidades, em que os anciãos repassam aos mais jovens, fazem com que seus sistemas culturais sejam preservados.

Para institucionalizar essa prática ancestral de ensinar através das oralidades, em 2010 criou-se o Conselho de *Griôs* no estatuto da Associação da Comunidade Quilombola Dona Juscelina, atualmente contam com sete membros, quatro homens e três mulheres, a matriarca é a presidenta de honra, a Fotografia 01 mostra o grupo de anciãos.

Fotografia 1. Conselho de *Griôs* da ACQDJ.



Fonte: Katiane da Silva Santos, 2018 (autora).

Os jovens têm aprendido a dar honras aos mais velhos da comunidade, a estudante Ludimila Carvalho dos Santos compreende bem e em um encontro de jovens e *griôs* ocorrido em 2018, homenageou os anciãos por meio de um texto escrito por ela:

Homenagem aos Griôs

Griôs: os contadores, os cantadores, os tocadores, os dançarinos, os artesãos, os detentores, os sabedores, os proprietários e os transmissores de nossas histórias...

Durante todo o encontro tivemos a oportunidade e a grande honra de escutar, sentir e vivenciar o Compromisso de nossos griôs em preservar e transmitir as histórias, fatos históricos, os conhecimentos, os artesanatos, a dança, a medicina e as canções de nosso povo com tanta propriedade, emoção, maestria e amor.

Dona Juscelina: *com seu vigor, molejo, canto, oralidade e muita coragem fizeram com que nos sentíssemos a vontade nos fazendo ver que estávamos em casa, mostrando através de suas vivências e relatos nossa originalidade, peculiaridade, essência, natureza, importância e nossas forças. Trazendo assim para nós o legado de continuar a luta passada e iniciar a guerra futura!*

Dona Cícera: *com seu fervor, canto, oralidade, molejo, muito entusiasmo e ânimo, nos fez ver as nossas riquezas passadas, presentes, futuras, próximas e distantes, sofridas e conquistadas, perdidas e encontradas... Em uma de suas inúmeras e maravilhosas palavras enfatizou que a beleza e esperança da vida estão nos pequenos detalhes e dentro de cada um de nós. Incentivando-nos a desflorar e permanecer em nossa grande caminhada com destino a liberdade concreta!*

Dona Rosa Mirtes: *Com sua intensidade, oralidade, canto, molejo e muita humildade nos trouxe através de suas palavras e comportamentos a figura da mulher forte, corajosa, fraterna, piedosa, amorosa, dona de si, resistente, independente, batalhadora que é, que somos e que existe em cada um de nós. Fez-nos lembrar e sentir os preceitos e princípios trazidos pelos nossos antepassados da mãe África que foram e são vividos e transmitidos no Brasil. Através da sua dança e molejo trouxe também a lembrança do nosso povo que em meio a todo sofrimento, exaustão e exploração não perderam a alegria, audácia, emoção e vontade de viver, não deixando morrer as manifestações culturais e tradicionais vividas, dançadas e por fim eternizadas!*

Seu Geraldo: *Com sua fé, oralidade, honestidade, compaixão e muita disposição nos fez acreditar que podemos reconstruir um mundo melhor, cabem a nós decidir quando começar. Mostrou-nos que o futuro está em nossas mãos e assim, o faremos como queremos. Suas experiências de vida, seus conselhos e instruções nos motiva a acreditar, crer, lutar, respeitar tudo e todos os que nos rodeiam, ver no seu interior a sua importância, valorizar os irmãos, nossa comunidade, nossa, cultura, nossa história, nossos espíritos companheiros*

e guerreiros, para que com isso nada se perca em nossas vidas para que com propriedade assim como ele e todos os griôs possamos repassar aos nossos descendentes toda nossa bagagem, social, cultural e histórica que recebemos com tanto amor e bravura.

Seu Carlindo: *Com sua arte, mãos ágeis, oralidade, hombridade e muita ternura nos instruiu e mostrou que assim como a palha e todo o processo até ela se transformar em um belíssimo artesanato é a nossa vida, à momentos que é necessário escalarmos o coqueiro a procura da melhor palha, do melhor momento, depois com muito cuidado risca-la e separá-la, assim como fazemos na vida com nossas escolhas, pessoas que fazem parte de nossa vida, e mais quando chega a hora de moldá-la (a palha) é preciso concentração, silêncio, coragem, paciência, amor, assim como na hora de tomarmos decisões importantes e ao final de todo o trabalho/vida já é hora e ver qual o resultado, como saiu seu artesanato? Bem feito/viveu uma vida a qual se orgulha, mal feito/deveria ter tido mais cuidado, refeito alguns importantes momentos a quais hoje se arrepende na vida. E assim seu Carlindo como em um provérbio africano nos chamou a refletir sobre a importância da arte e sua relação tão próxima com nossas vidas!*

Seu Dadá: *Com sua firmeza, oralidade, batuque, molejo e muita perseverança nos transmitiu o orgulho em ser o que somos, o cuidado e amor com e pelo nosso povo, a certeza de nossa capacidade, a esperança e a preocupação se viveremos em um planeta saudável naturalmente, socialmente e culturalmente, assim como todos os griôs trouxe relatos e experiências vividas em nossa comunidade desde o início e de uma forma admirável se empenhou em apresentar soluções para os problemas passados e atuais e métodos de preservação para os problemas possivelmente futuros. Fortalecendo-nos a certeza que existe na beleza de sermos quilombo e vivermos nossa identidade em comunidade!*

Seu Dos Santos: *com seu zelo, canto, ritmo, oralidade e dignidade nos contagiou com suas canções de letras inusitadas, especiais e importantíssimas para o fortalecimento de nossa identidade e união fez-nos perceber que as nossa peculiaridade/diferenças é o que nos faz quem somos, que nossas riquezas estar muito além do dinheiro, que nossas dores, sofrimentos e batalhas é o que nos motiva a nunca desistir ou parar de lutar... E algo que suas músicas e falas nos instigou a refletir foi que nossa auto identificação não estar na boca dos outros, ou onde estamos, ou o que fazemos cotidianamente, mas sim em nossa cultura, religiosidade, tradições, ancestralidade, território, resistência e dentro de cada um de nós!*

Todos esses dias de transmissão de saberes e fazeres fez com que os participantes assumissem um grande compromisso de guardar e transmitir tudo o que foi aprendido e compartilhado, transformando assim cada um de nós aqui presentes em griôs aprendizes!

Da minha cor saiu sofrimento...

Da minha cor saiu amargura...

Da minha cor saiu resistência...

Da minha cor saiu bravura...

Obrigada!!!

O encontro entre os jovens estudantes e os anciãos da comunidade quilombola em que participamos, aconteceu com as seguintes atividades: a) Roda de conversa dos *griôs* com os estudantes; b) Ensino prático de artesanatos e culinária quilombola; c) Capoeira e as danças lindô e rebolado.

Roda de conversa dos *griôs* com os estudantes:

No encontro entre os estudantes e os anciãos da comunidade quilombola, a roda de conversas foi marcada pela contação de histórias de vida dos *griôs*, como eram suas relações com a natureza e seus modos de vida antes da chegada de recursos tecnológicos.

A realização do encontro é iniciada com a formação de um círculo, o professor da educação básica da rede estadual Manuel Filho, é um líder quilombola e inicia as atividades solicitando que marquemos o passo ao som do tambor, fazendo uma ciranda e entoando um canto de origem indígena conhecido como - Toré da Mata: *“Eu tava no meio da mata. Pra quê mandou me chamar. Eu vim foi pra beber jurema. Balança meu maracá. Oh, rena, rena, rena, rena”*¹.

Serviu para resgatar a memória da cultura contra-hegemônica em que o campesinato negro se apropria e produz territórios tradicionais, além de nos lembrar dos primeiros quilombolas que habitaram Muricilândia (TO) e tinham fortes relação com a natureza.

[...] nós quilombolas, nós temos também essa ligação muito profunda com a natureza, é dela que nós temos nossos patrimônios simbólicos, é nela de onde tiramos nosso sustento, das nossas famílias, é dela que nós, onde podemos encontrar bem próximo da presença de nossos ancestrais [...]" (Manoel Filho Borges, 2018).

O líder reforça a importância do encontro entre anciãos e os estudantes, e que a partir deste momento estes podem se considerar *griôs* aprendizes, pois no futuro serão responsáveis em transmitir os saberes e fazeres da cultura quilombola para as próximas gerações.

Para compor uma mesa de destaque, o líder quilombola convida os *griôs*: Seu Conceição Viana (Seu Dadá), Seu Geraldo Delmondes Ferreira, Dona Cícera Vieira Almeida, Dona Rosa Mirtes Pereira de Sousa, Seu Carlindo, Seu Manoel Pereira Borges (Seu Dos Santos) e a presidente do grupo a Dona Juscelina.

O líder Manoel Filho pede para que todos se ponham de pé e nos faz lembrar nossos ancestrais e nossas heranças culturais africanas. Mas, reconhece a questão das diferenças religiosas do grupo, principalmente pela grande presença de seguidores da crença cristã.

Ao passar a palavra para a Presidenta do Conselho de *Griôs*, Dona Juscelina, ao dá as boas-vindas para a juventude, alerta que a luta dela para manter a identidade cultural do grupo é grande e diz: *“[...] ou caindo, ou levantando, eu estou sempre empinando [...]”*.

A matriarca alegre-se ao ver a presença dos jovens e alerta: *“[...] a idade já está comunicando [...]”*, ela quis dizer que logo poderá fazer falta no grupo, em 2020 ela completa seus 90 anos de idade. Então, iniciam-se as atividades do dia fazendo uma oração bíblica ensinada por Cristo e uma ensinada pelo catolicismo.

Após as boas-vindas, o líder Manoel Filho solicita a todas as pessoas a se retirarem do recinto com exceção dos *griôs*, para fazermos o rito de entrada com a bandeira do Divino Espírito Santo, que é símbolo da comunidade, e a entrega aos anciãos, o cortejo foi realizado entoando o seguinte canto: *“Que bandeira é essa que vamos entregar? Que bandeira é essa que*

¹ Não foi encontrada ficha técnica da cantiga.

vamos entregar? Ao dono da casa nós vamos entregar. Ao dono da casa nós vamos entregar”².

Depois do ritual da bandeira, o líder nos lembra sobre o ato de pedir a benção aos mais velhos, e relata que herdamos essa característica da cultura africana que tem como costume pedir a benção aos ancestrais. Assim, ficamos em forma de círculo para repetirmos esse costume, com uma mão-de-pilão o líder destaca seu significado como símbolo da cultura tradicional que o grupo herdou dos seus antepassados. Ao bater a mão-de-pilão no chão cada pessoa pediu a benção ao conselho de *griôs* e aos seus ancestrais já falecidos.

Na sequência deu-se início ao ensino, através das oralidades os anciãos repassam aos mais jovens suas experiências de vida, tudo intercalado por momentos de descontração ao som de músicas cantadas pelo *griô* Seu Dos Santos com letras que narram *às* vivências do grupo social.

A *griô* Dona Juscelina relatou aos estudantes sobre sua chegada em Muricilândia (TO), este momento é importante para conhecimento do grupo, visto que é considerado como um divisor de águas para a comunidade, a líder comentou também sobre sua história de vida, mas confunde-se com algumas datas que marcam sua trajetória, mas que é prontamente corrigida pelo líder Manoel Filho, pessoa que a matriarca nos afirmou ser seu braço direito na continuação da realização das tradições da comunidade.

A *griô* Dona Cícera relata aos estudantes que tem uma característica peculiar, chegou com sua família dois meses após a fundação da comunidade às margens do rio Muricizal, que recebeu esse nome em razão da abundância do fruto Murici, que posteriormente também influenciou no nome da cidade que é Muricilândia. A *griô* relata que era criança de um ano de idade quando ali chegou e que se desenvolveu biologicamente, enquanto que o povoado crescia, assim afirma “[...] eu e Muricilândia crescemos juntas [...]”.

Dona Cícera atuou como enfermeira da comunidade, pois é conhecedora da medicina natural e ainda cultiva no quintal de sua casa as ervas que usava em seus tratamentos terapêuticos. Para curar os males dos primeiros habitantes, eram utilizados benzimentos e ervas naturais como: Folha de Sete dores (Boldo), Fedegoso, Mastruz, Gengibre, Picão, Pariri, Trevo, Perpétua, Gervão, Alfavaca, Malva do Reino, Sabugueiro, Acerola, Quebra-pedra, Babosa, Folha Santa, Azeite de coco-de-babaçu, Açafrão entre outros.

O *griô* Geraldo de 83 anos relata aos jovens sobre sua história de vida, pernambucano, seus bisavós eram escravos em sua terra natal. Ele nos chama a atenção para sua cor de pele, “[...] eu tenho a cor assim meio amarelada como diz o pessoal, porque minha mãe era branca descendente de portugueses [...]”.

Em seu relato, revela que conheceu pessoas escravizadas que transmitiram através das oralidades suas lutas pela liberdade. E faz um importante apelo aos jovens quilombolas, a não esquecerem a luta de seus ancestrais, que escravizados resistiram, e que perpetuem a memória do cárcere, para não esquecerem a história de seus ancestrais.

[...] na luta pela liberdade, lutou, os pretos que foi assassinado, enforcado, queimado por ter lutado pela liberdade [...] hoje temos a liberdade de viver livres, ou quase livres [...] é vocês levando o caminho e a força [...] pra que isso não caia, nunca esse conhecimento de quem sofreu a origem negra [...]. (Geraldo Delmondes Ferreira, 2018).

O *griô* levanta uma importante questão, “[...] hoje nós podemos se considerar branco, porque samo branco na fé, samo branco na força e samo branco no querer [...]”. Na verdade, em suas palavras, seu Geraldo quis afirmar que atualmente os negros são cidadãos de direitos iguais aos brancos. Mesmo com os poucos avanços sociais, o racismo ainda é latente em nossa sociedade e a comunidade negra ainda enfrenta muitos problemas ao acesso de direitos.

O *griô* Seu Dadá de 71 anos relata que chegou a Muricilândia (TO) em 1959. Por ser pescador, tem uma profunda relação com o rio Muricizal, ou “Murici” como prefere chamá-lo. O

2 Não foi encontrada ficha técnica da cantiga.

griô conta sobre a importância do rio para os primeiros moradores, que serviu principalmente de fonte de alimentação, escoamento da produção e lazer. Alerta aos jovens da importância de sua preservação, pois o atual estado de conservação pode levá-lo a uma grande deterioração, pois se encontra poluído e assoreado, por isso seu uso não tem servido mais para a atual geração como serviu para seus antecessores.

O rio tem um significado simbólico para a comunidade quilombola, pois foi através das nuvens formadas por sua umidade que marcou a direção que João Paulino e seu pequeno grupo deviam seguir (pioneiros), foi às suas margens que se estabeleceram territorialmente e deu origem à formação da comunidade. Atualmente o rio é principalmente fonte de lazer, de forma que é comum em Muricilândia (TO) ouvir o ditado popular, *“Quem bebe da água do Murici, sempre volta”*, a expressão significa a forte relação de afetividade que os habitantes (quilombolas e não quilombolas) possuem com o rio.

A *griô* Dona Rosa Mirtes, imigrante maranhense, relata que foi designada pela prefeitura de Araguaína para lecionar em Muricilândia (TO), foi sem sua família, mas sentiu-se parte da comunidade pelo sentimento de afetividade que envolve o grupo étnico, “[...] de sangue eu não tenho parente, mas eu considero todo mundo, são meus parentes [...]”. Foi uma das primeiras professoras do povoado e de lá não quis mais sair, sendo também afrodescendente, mas acostumada a viver em cidades, diz que enquanto alfabetizava seus alunos, eles a ensinavam artesanatos feitos da palha do coco-de-babaçu, era uma troca de saberes.

Perguntas dos jovens aos *griôs*, entre elas estão:

A jovem A. S. perguntou sobre quais eram os cuidados medicinais com os recém-nascidos. A *griô* Dona Cícera respondeu que tratavam o umbigo dos bebês com azeite de mamona, cinzas de flecha queimada e da madeira da palha do buriti queimada.

A jovem E. P. S. S. explicou sobre os remédios que foram produzidos a partir de ervas medicinais, e que antes da indústria farmacêutica as utilizavam, essas plantas já faziam parte do conhecimento popular como foi exposto pela *griô* Dona Cícera. *“[...] a gente de primeiro se curava com remédio caseiro, hoje nós támo se acabando em comprimido [...] mas eu sou daquele tempo véio, eu gosto é do remédio caseiro [...]”*, complementou Dona Juscelina.

O líder Manoel Filho relata episódios em que Dona Juscelina realizou a reza de benzeamento e que as pessoas que receberam retomaram a saúde, por isso pergunta a matriarca como ela aprendeu o dom de benzer. A resposta se resume em uma palavra, a Fé, ao elevar seus pensamentos para o alto, faz seus pedidos de curas com fé. A matriarca afirma que por vezes é chamada de macumbeira e feiticeira, mas emocionada, nega e afirma que não sabe fazer macumbas e feitiços.

A jovem A. F. G. S. relatou que deu à luz a uma criança que faleceu com dois dias de vida e que não deu tempo do padre batizá-la, então recorreu ao *griô* Dos Santos que abençoou a criança já morta, *“[...] a gente faz uma oração, a gente esperge na criança com a água benta em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo [...]”*. O ancião enfatiza que embora que a Igreja Católica não concorde com o procedimento, afirma que respeita as crenças dos pais da criança e disse que no caso não é um batismo exatamente como o da igreja.

Ensino prático de artesanatos e culinária quilombola.

Outra atividade marcante para os jovens foi o ensino prático de extrativismo e produção de artesanatos, além do aprendizado de culinária típica dos primeiros habitantes da comunidade, no trabalho de campo os jovens se dividiram em três grupos, não sendo possível a pesquisadora etnógrafa acompanhar todas as ações, deixou de participar de alguns momentos dos trabalhos realizados pelos grupos, porém, este fato não nos trouxe prejuízos, pois, a pesquisadora durante a infância teve as mesmas experiências com sua família praticantes do campesinato nos interiores dos Estados do Piauí, Maranhão e Pará.

Grupo 1: buscaram mandioca em uma plantação e levaram a matéria-prima para uma casa de farinha ambas localizadas no sítio urbano e pertencentes a uma família quilombola, houve a produção da farinha e do polvilho, deste segundo foi feito beijú e bolos;

Grupo 2: foram para uma terra de um quilombola, dos poucos que conseguiram comprar o título na época da expropriação, lá havia a presença de coco-de-babaçu, recolheram

o coco e realizaram a quebra da casca para extração da matéria-prima, levando para o sítio urbano para realizar o processo de produção do azeite utilizando-se de pilão e fogão a lenha;

Grupo 3: acompanhamos e realizamos todo o processo de extração da palha do coco-de-babaçú para a produção de utensílios artesanais como esteiras, cofos, balaios, abanos e brinquedos.

Capoeira e as danças lindô e rebolado.

Ao final do encontro os jovens foram reunidos para momento de lazer na prática da capoeira e as danças afros lindô e rebolado.

A tradição de transmitir através das oralidades os saberes e fazeres, a memória e história de um povo, são atos de resistências contra a colonialidade e a homogeneização cultural, e são fundadas em suas ancestralidades, por isso continuam persistindo.

Considerações Finais

Entendemos que as culturas dos diferentes povos e sociedades possuem o seu próprio modo de vida, e são entendidas como prática que devem ser valorizadas sem qualquer juízo de valor ou hierarquias.

Tratamos neste estudo dos modos de transmissão de saberes e fazeres que acontecem na Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia (TO) a partir da pedagogia *grîô*, e compreendemos que essas atividades compõem um processo de construção de conhecimentos informais que defendemos como extensões do currículo escolar conforme as leis 10.639 (BRASIL, 2003), alterada pela Lei nº 11.645 (BRASIL, 2008) que exigem o ensino da história e culturas afro-brasileiras.

Identificamos neste processo o destaque do protagonismo dos estudantes quilombolas, receptores de conhecimentos institucionalizados, estão ativos em busca de outros conhecimentos extra-classe que reforcem o currículo especializado e assim fortalecem a relação escola-território, pois, acontecem aprendizados dentro e fora do espaço escolar e que são exigidos pelo currículo.

Neste sentido, compreendemos a importância da permanência, preservação e resistências das culturas tradicionais, o trabalho trouxe contribuições para as discussões que englobam a educação para as relações étnicorraciais, em um contexto de ecologia de saberes e no fortalecimento da “educação outra” que além de buscar os conhecimentos especializados, também valoriza os conhecimentos que os estudantes levam pra escola.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, 9 de janeiro de 2003: Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm. Acesso em: 31 mai. 2020.

CANAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

DUTRA, Henrique Leonardo. **Educação e Cultura de Tradição Oral: um encontro com a pedagogia grîô**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2015. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253971>. Acesso em: 1 jun. 2020.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Portaria nº 51 de 24 de março de 2010**. Disponível em: <http://www.palmars.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/certificadas-13-05-2019.pdf>.

Acesso em: 31 mai. 2020.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LIMA, Heloisa Pires. Hernandez, Leila Leite. **Toques do Griô: memórias sobre contadores de histórias africanos**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

SANTOS, Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005. – (Coleção primeiros passos; 110).

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Tradução: Rosaura Eicheberg. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WALSH, C., Oliveira, L. F., & Candau, V. M. (2018). **Colonialidade e Pedagogia Decolonial: Para pensar uma educação outra**. Arquivos Analíticos de Políticas educativas, 26 (83). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.26.3874>. Acesso em: 16 out. 2020.

YOUNG, Michael. **Teoria do Currículo: o que é e por que é importante**. Tradução: Leda Beck. Cadernos de Pesquisa, V. 44, Nº 151 (2014), p. 190-202. ISSN: 0100-1574. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742014000100010&script=sci_arttext&tlng=pt Acesso em: 1 jun. 2020.

Recebido em: 14 de agosto de 2020.

Aceito em: 28 de outubro de 2020.